

Gislene Silva
Daisi Vogel
Terezinha Silva
organização

Apuração, redação e edição jornalística

Coleção • Horizontes do Jornalismo



editora ufsc

Apuração, redação
e edição jornalística

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

Reitor

Irineu Manoel de Souza

Vice-Reitora

Joana Célia dos Passos

EDITORA DA UFSC

Diretor Executivo

Waldir José Rampinelli

Conselho Editorial

Waldir José Rampinelli (Presidente)

Agripa Faria Alexandre

Carolina Fernandes da Silva

Diogo Robl

Fábio Augusto Morales Soares

Fernando Luís Peixoto

Ione Ribeiro Valle

Jeferson de Lima Tomazelli

Josimari Telino de Lacerda

Marília de Nardin Budó

Núbia Carelli Pereira de Avelar

Priscila de Oliveira Moraes

Rosane Silvia Davoglio

Sandro Braga

Vanessa Aparecida Alves de Lima

Comissão Editorial da Coleção Horizontes do Jornalismo

Rogério Christofoletti (UFSC)

Terezinha Silva (UFSC)

Editora da UFSC

Campus Universitário – Trindade

88040-900 – Florianópolis-SC

Fone: (48) 3721-9408

editora@contato.ufsc.br

www.editora.ufsc.br

Gislene Silva
Daisi Vogel
Terezinha Silva
organização

Apuração, redação e edição jornalística

© 2022 Editora da UFSC

Coordenação editorial:

Flavia Vicenzi

Capa:

Giulia Milezzi

Natalia Raposo

Editoração:

Natalia Raposo

Revisão técnica:

Gabriela Cavalcanti Carneiro de Almeida

Lynara Ojeda de Souza

Revisão:

Heloisa Hübbe de Miranda

Sobre a coleção

A Coleção Horizontes do Jornalismo publica títulos que discutem os desafios contemporâneos do jornalismo enquanto prática social, atividade profissional e processo histórico-cultural. Com base em abordagens crítico-reflexivas, a coleção oferece contribuições para a renovação de teorias e práticas. Os livros são voltados a estudantes, pesquisadores, jornalistas e leitores interessados nas transformações que atravessam o jornalismo.

Catálogo na fonte pela Biblioteca Universitária da Universidade Federal de Santa Catarina

A655 Apuração, redação e edição jornalística [recurso eletrônico] / Gislene Silva, Daisi Vogel, Terezinha Silva, organização. – Florianópolis : Editora da UFSC, 2022.

174 p. : il. – (Coleção Horizontes do Jornalismo)

E-book (PDF)

Disponível em: <https://doi.org/10.5007/978-65-5805-072-8>

ISBN 978-65-5805-072-8

1. Jornalismo. 2. Cobertura jornalística. 3. Redação de textos jornalísticos. I. Silva, Gislene. II. Vogel, Daisi Irmgard. III. Silva, Terezinha.

CDU: 070

Ficha catalográfica elaborada por Dênira Remedi – CRB-14/1396



Este livro está sob a licença Creative Commons, que segue o princípio do acesso público à informação. O livro pode ser compartilhado desde que atribuídos os devidos créditos de autoria. Não é permitida nenhuma forma de alteração ou a sua utilização para fins comerciais.

br.creativecommons.org

*Àquelas pessoas que, a partir de
diferentes experiências, se empenham
cotidianamente a pensar, ensinar, aprender
e fazer um jornalismo necessário para a
discussão dos problemas coletivos.*

Sumário

Listas de figuras e quadros	8
Apresentação	9
Capítulo 1 • Introdução à cobertura jornalística e à noticiabilidade	
<i>Gislene Silva</i>	15
Capítulo 2 • Os atos de escolha na apuração jornalística	
<i>Terezinha Silva</i>	28
Capítulo 3 • Das fontes privilegiadas à pluralidade de vozes	
<i>Daiane Bertasso</i> <i>Jessica Gustafson</i>	39
Capítulo 4 • Entrevista jornalística como técnica e como gênero	
<i>Míriam Santini de Abreu</i>	54
Capítulo 5 • Oficinas de redação jornalística: notas de aula	
<i>Gilka Girardello</i>	67
Capítulo 6 • Da apreensão do tempo ao pormenor inútil nos relatos jornalísticos	
<i>Daisi Vogel</i>	79

Capítulo 7 • Texto jornalístico como discurso	
<i>Rosana de Lima Soares</i>	91
Capítulo 8 • Possibilidades da narrativa digital no texto jornalístico	
<i>Raquel Ritter Longhi</i>	102
Capítulo 9 • Edição em processo: trabalho de equipe na produção de jornal-laboratório	
<i>Valentina da Silva Nunes</i> <i>Ildo Francisco Golfetto</i>	118
Capítulo 10 • Do jornalismo ao jornalismo especializado (e vice-versa)	
<i>Carlos Locatelli</i> <i>Marcionize Elis Bavaresco</i>	134
Capítulo 11 • Jornalismo econômico: que jornalismo, que economia?	
<i>Carlos Locatelli</i>	145
Capítulo 12 • Ética jornalística de A a Z	
<i>Rogério Christofoletti</i>	157
Sobre os autores e as autoras	172

Ética jornalística de A a Z

Rogério Christofoletti

A ética atravessa as ações humanas, e, em algumas atividades, preocupar-se em agir corretamente não é um exercício abstrato. No jornalismo, por exemplo, ética e técnica se misturam porque a prática exige constantemente que os profissionais reflitam, discutam e tomem decisões. Essas escolhas não afetam apenas a qualidade da notícia, mas interferem na vida das pessoas, sejam elas as fontes entrevistadas, personagens retratados, jornalistas envolvidos ou mesmo o público. Então, a todo o momento, os jornalistas estão mobilizando valores e princípios éticos da sua profissão pois precisam decidir que imagens usar para ilustrar uma matéria, que trechos de entrevistas priorizar num texto, que palavras empregar para descrever uma situação.

O cotidiano jornalístico está repleto de pequenas e grandes decisões, o que é um desafio permanente para repórteres, redatores e editores. Nem sempre é fácil optar pela melhor saída, mas a história mostra que alguns caminhos são mais seguros: a solidão é péssima conselheira, e por isso é importante dialogar com outros colegas para encontrar uma compreensão ampla da situação; é bom desviar da pressa também, pois ela mais atrapalha que ajuda; é sempre melhor se guiar pela reflexão em vez de agir por reflexo.

Além disso, existem códigos de ética, algumas organizações de mídia formulam suas orientações editoriais e há um vasto conhecimento na categoria, que não foi sistematizado, mas que está contido na experiência dos profissionais mais tarimbados, lúcidos e sensatos.

Como a ética tem a ver com as condutas das pessoas, todos os cenários a serem analisados são complexos. É verdade que a vida não tem um manual, mas para exercer o jornalismo, talvez possamos nos orientar por algumas balizas. Nas páginas a seguir, oferecemos um brevíssimo guia de conduta ética. Ele está organizado em verbetes de A a Z, que trazem algumas

definições, apontam armadilhas e indicam chaves para o entendimento de situações práticas. Como qualquer guia do tipo, é incompleto, porém útil e bem-intencionado. Pode ser lido na sequência ou consultado, conforme a conveniência de quem o lê.

Aviso final: considere que este minimanual pode servir de mapa, mas nunca será o território. Cabe ao jornalista decidir seus rumos, mas caminhar com uma bússola ajuda a se perder menos.

A

Apuração – O jornalista tem a obrigação moral e profissional de verificar todas as informações que decidir publicar. A apuração é uma etapa incontornável do jornalismo. Deve ser feita com agilidade, mas sem pressa. Deve seguir protocolos rígidos: números devem bater, versões precisam ser confirmadas e documentos atestados. Dados apurados dão densidade a uma notícia e a tornam mais confiável, aumentando assim a credibilidade de quem reporta. A apuração é uma exigência técnica da profissão, mas é também um compromisso ético de publicar apenas aquilo de que se tem certeza ou muita correspondência com os fatos. Ver: Checagem; Qualidade; Zelo.

Assinatura – Jornalistas têm direito a assinar suas matérias, pois essa é uma forma consagrada de reconhecer a autoria de suas criações. Entretanto, há situações em que os autores podem optar por não vincular seus nomes às obras: quando querem se proteger, quando o material a ser publicado não condiz com as características do original, ou quando os jornalistas julgam desimportante ou desnecessário. Cada caso vai indicar a melhor estratégia, dentro dos limites da lei, das conveniências editoriais e respeitando-se a vontade dos autores. Ver: Autonomia; Qualidade.

Autonomia – O trabalho jornalístico precisa ser feito com um grau de liberdade que permita atender ao interesse público, mesmo que isso afronte interesses e conveniências de grupos, pessoas e organizações. A autonomia inclui a escolha de métodos de apuração, enquadramento, angulação e formas de divulgação. A autonomia não é uma condição dada, mas conquistada ao longo do tempo, e os meios de comunicação devem persegui-la diariamente. Ao mesmo tempo, dentro dessas organizações, deve-se preservar alguma autonomia para os profissionais que estão na linha de frente do trabalho jornalístico. Veículos e jornalistas autônomos são também mais independentes. Implica riscos, mas também incrementa a credibilidade. Ver: Cláusula de Consciência; Liberdade de Imprensa; Opinião.

B

Boato – Informações de todo tipo chegam às redações e muitas não são verdadeiras. Boatos e rumores não devem ser publicados, mas podem estimular repórteres a investigar se há algum fundo de verdade naquelas versões. Vai depender da história, de sua origem ou do contexto que a cerca. De imediato, boato não é notícia, mas não é prudente ignorar por completo. Em casos excepcionalíssimos, boatos podem ser publicados, mas a condição de uma informação ainda não confirmada deve ficar clara para os leitores. Ver: Checagem; Distorção; *Fake news*; Manipulação; Verdade.

C

Calúnia – Caluniar é atribuir um crime a alguém que não o cometeu. Mas a calúnia não é só uma mentira, mas também um crime previsto nos códigos Civil e Penal. Jornalistas podem contribuir para a calúnia, seja prejudgando pessoas ou veiculando afirmações inverídicas. Para não ficar refém dessa situação, jornalistas devem apurar as informações, atrelar declarações a fontes e manter uma distância prudente dos fatos, de modo a não se contaminar com os humores dos entrevistados. Ver: Difamação; Injúria; Prejulamento.

Censura – O jornalismo é uma atividade que visa fazer as informações circularem livremente, e fazer chegar os relatos às pessoas. A censura é justamente o impedimento do fluxo das informações, o veto, a proibição. Jornalistas devem combater a censura, não compactuar com ela, nem normalizá-la, pois a censura significa o oposto do trabalho revelador do jornalismo. Nas redações, a censura pode acontecer por pressões políticas, judiciais, de anunciantes ou internas, quando o tema da matéria colide com os interesses da organização noticiosa. Em contextos de perseguição e pouca autonomia editorial, jornalistas também podem se autocensurar, o que torna a situação mais complexa. O jornalismo deve resistir à censura pois a liberdade editorial é uma condição essencial para a sua própria sobrevivência. Ver: Autonomia; Liberdade de imprensa.

Checagem – Uso de técnicas jornalísticas para a confirmação de dados, informações, declarações e versões. Visa garantir a veracidade de histórias e a autenticidade de conteúdos, e é uma das etapas necessárias do processo de produção jornalístico. A checagem funciona como a verificação, mas o grande volume de notícias falsas e desinformação dos

últimos anos tem feito com que surjam iniciativas dedicadas a esse tipo de confirmação. São as agências de *fact-checking* que se ocupam não só de conferir as informações, mas também de atribuir selos ou etiquetas que ajudam o público a discernir o que é informação verdadeira ou falsa. Neste sentido, as agências ajudam a validar notícias e a desmentir boatos e relatos fraudulentos. No Brasil e em outros países, veículos tradicionais de mídia também criaram divisões ou setores especialmente voltados à checagem, dando suporte ao noticiário que produzem e difundem. Ver: Apuração; *Fake news*; Qualidade; Veracidade; Verdade.

Cláusula de consciência – Alguns códigos de ética trazem a possibilidade de profissionais se recusarem a fazer certas coisas que contrariem seus princípios e convicções. Essa Cláusula de consciência permite que jornalistas se neguem a publicar notícias enviesadas ou mentirosas, por exemplo. O Código de Ética do Jornalista Brasileiro, de 2007, prevê essa possibilidade, mas a cláusula ainda é pouco invocada pelos profissionais por duas razões basicamente: incerteza se as empresas reconhecerão esse direito e não incorporação da cláusula de consciência à cultura profissional nacional. Ver: Autonomia; Liberdade de imprensa.

Conflito de interesses – Em algumas situações, repórteres são pautados para acompanhar assuntos que têm interesse direto, e isso pode contaminar a cobertura. Esses conflitos de interesse devem ser reportados aos editores de modo a evitá-los, e, se possível, informados ao público. Uma possibilidade é o afastamento do repórter da cobertura; outra é o reforço à equipe de profissionais que ajudem a neutralizar as forças que podem enviesar o noticiário. Ver: Honestidade; Transparência.

Consentimento das fontes – Sempre que possível os jornalistas devem ter o consentimento de suas fontes para uso de imagens, dados e declarações. Esse cuidado evita contestações judiciais, questionamentos éticos e desgastes profissionais. Há casos em que se pode optar por não pedir tais autorizações, pois isso pode prejudicar a estratégia de publicação e reduzir o efeito social de denúncias, por exemplo. Ver: Responsabilidade.

Correção de erros – Reconhecer erros e retificá-los faz parte da conduta ética dos jornalistas. Corrigir uma informação é restaurar a verdade dos fatos e permitir que o público tenha acesso a relatos mais atualizados e fiéis aos acontecimentos. Embora muitos meios e jornalistas considerem que assumir erros demonstre fraqueza ou falta de profissionalismo, a prática

demonstra que é justamente o contrário: o jornalismo que se corrige, reforça seu compromisso público com a verdade, e se destaca pela sua honestidade com a audiência. Qualquer atividade humana está sujeita a erros, e o jornalismo não escapa disso. Entretanto, os profissionais da área têm um compromisso com o acerto, com a verdade factual e o relato fiel dos fatos. Sempre que se identificar erros, esses devem ser corrigidos rapidamente e de forma transparente. Ver: Credibilidade; Qualidade; Transparência.

Credibilidade – O jornalismo precisa ser confiável como serviço que abastece a sociedade de informação. A credibilidade é, então, um fator essencial para a sobrevivência do jornalismo, mas ser digno de confiança é resultado de um conjunto de características. Precisa ser tecnicamente competente, projetar autoridade e legitimidade, e contar com reputação ética. A credibilidade depende de investimentos constantes de energia, tempo e dedicação. Perdê-la ou vê-la erodir é muito fácil, já que vivemos em sociedades muito exigentes e que mantêm expectativas altas em termos de qualidade. Jornalistas e meios precisam se preocupar com uma oferta regular e frequente de bons serviços e produtos para demonstrar cotidianamente que podem ser dignos da confiança do público. Ver: Equilíbrio; Qualidade; Responsabilidade.

D

Dano – O jornalismo é uma atividade com finalidade pública e deve contribuir para os desenvolvimentos humano e social. Quer dizer: deve trazer benefícios e não gerar mais danos. Entretanto, uma notícia pode provocar efeitos negativos ao público, às fontes ou às pessoas retratadas. Jornalistas e meios devem planejar e executar seu trabalho para não prejudicar as vítimas que estão reportando nem tornar mais agudo o sofrimento humano ou piores as condições indignas de vida. O jornalismo deve minimizar danos, aumentando os cuidados éticos e adotando uma atuação responsável. Ver: Calúnia; Difamação; Estigmatização; Injúria; Prejulgamento.

Denúncia anônima – Nem sempre as informações chegam aos jornalistas por meios convencionais. É relativamente comum que as redações recebam denúncias anônimas, mas essas não podem ser publicadas sem uma checagem mínima. É necessário comprovar sua autenticidade e alguma correspondência com os fatos, mesmo que as denúncias sejam graves ou urgentes. A imprensa não pode justificar falta de rigor ou apuração deficiente. Sempre que possível, jornalistas devem informar ao público a origem das

denúncias, para que se possa compreender o contexto e as relações entre denunciantes e denunciados. Ver: Dano; Responsabilidade.

Despesas pagas pela fonte – Jornalistas não devem aceitar que suas fontes de informação arquem com despesas da apuração. Esse é um típico conflito de interesses e caracteriza uma dependência indesejável do repórter pela fonte. As organizações noticiosas devem se responsabilizar pelos custos das reportagens, e garantir uma distância ética que permita aos repórteres atuarem com segurança. Ver: Honestidade; Transparência.

Difamação – Difamar é atentar contra a boa fama de alguém, prejudicando sua imagem profissional ou pública. Além de ser um tipo de ofensa, é também um crime previsto nos códigos Civil e Penal. Jornalistas devem estar atentos para não espalhar declarações difamantes, convertendo os meios de comunicação em arenas de ataque a reputações. Ver: Calúnia; Injúria; Prejulgamento.

Discriminação – O jornalismo não pode colaborar com a discriminação nem com a segregação. Dar voz a fontes supremacistas sob pretexto de estar ouvindo os dois lados do racismo é como entrevistar o torturador depois de uma sessão de espancamento. Não se deve criar falsas equivalências e equilíbrios quando as relações são marcadas pela opressão e pelo não reconhecimento dos direitos alheios. Jornalistas devem reportar casos de violência, denunciar violações aos direitos humanos e alertar as autoridades desses desrespeitos. Ver: Preconceitos; Xenofobia.

Distanciamento – Não há jornalismo sem fontes de informação. Repórteres precisam acessar essas pessoas e organizações, estabelecer e cultivar relações. Não é raro que surjam amizades a partir da frequência desses contatos, e isso pode prejudicar o trabalho de apuração jornalística. A busca pela informação de interesse público fica mais difícil quando o relacionamento profissional dá lugar a relacionamentos pessoais. Jornalistas precisam administrar a distância que estabelecem com suas fontes: não podem ficar muito longe, pois a confiança carece de proximidade, mas também não podem ficar muito perto a ponto de se constranger e não poder fazer as perguntas mais incômodas e necessárias. Ver: Equilíbrio; Responsabilidade.

Distorção – Reportar os fatos da forma mais fiel como aconteceram. Este comando orienta o trabalho do jornalista, e sempre quando o relato perder a correspondência com os acontecimentos, uma luz amarela deve se acender.

É um alerta de que a informação pode estar sendo distorcida. Às vezes isso acontece de forma deliberada; em outras, sem qualquer intenção. Manter a narrativa mais próxima do ocorrido é uma obrigação moral dos jornalistas, mas também um protocolo profissional a ser seguido. Com rigor e disciplina. Ver: Checagem; *Fake news*; Manipulação; Verdade.

E

Equilíbrio – O jornalismo equilibrado não é aquele que apenas divide a página para cada uma das versões de uma história. Equilíbrio é o reconhecimento da necessidade de manter um relato justo, não enviesado e proporcional à importância das partes. Não é uma divisão aritmética simples, mas é necessário permitir o contraditório numa narrativa, e que as partes tenham condições e oportunidades iguais de apresentar suas perspectivas. No fundo, ao fazer isso, jornalistas e meios permitem que o público tenha acesso às diferentes vozes e decidam a quais aderir e dar confiança. Ver: Distanciamento; Responsabilidade.

Escândalos – Existem, pelo menos, três preocupações éticas nas coberturas sobre escândalos: cobrir o assunto de forma proporcional à sua importância, encontrar e manter o tom adequado para o noticiário e acompanhar o caso com a frequência devida. Quer dizer, quando se cobrem escândalos, os jornalistas e meios devem evitar exageros, recursos apelativos e repetições desnecessárias. Não é fácil, mas é possível, desde que sejam tomados cuidados na apuração, edição e divulgação, desviando das armadilhas para inflar artificialmente a audiência e interesse. Ver: Prejulgamento; Sensacionalismo.

Estigmatização – Infelizmente, o jornalismo pode contribuir para a criação e manutenção de estereótipos sociais. Isso acontece quando reforça ideias apoiadas em preconceitos, gerando desentendimento e prejulgamento. Ao agir assim, jornalistas ajudam a estigmatizar pessoas, o que na prática significa colocar nelas uma espécie de carimbo social, um rótulo imaginário que as persegue e prejudica. Profissionais e meios precisam estar atentos para não cair nas armadilhas do senso comum, produzindo um noticiário esclarecedor, justo e equilibrado. Ver: Danos; Gatilhos emocionais; Prejulgamento.

F

Fake news – Expressão inglesa que caiu no gosto popular para se referir a boatos, mentiras e outras formas de manipulação da informação. Pesquisas recentes apontam que a expressão não dá conta da complexidade do problema, mas isso não invalida a necessidade de combater a desinformação. Jornalistas são profissionais da informação e devem usar sua capacidade técnica e seu compromisso ético para a constante verificação de dados, o desmentido de versões e a reparação da verdade dos fatos. Ver: Checagem; Distorção; Manipulação; Veracidade; Verdade.

G

Gatilhos emocionais – Algumas pessoas são extremamente sensíveis a conteúdos violentos, traumáticos ou ofensivos. Em contato com noticiário desse tipo podem rememorar situações pessoais de sofrimento e dor, desenvolvendo crises emocionais ou quadros clínicos psíquicos. Notícias podem acionar gatilhos emocionais e, por isso, em alguns casos, cabe aos jornalistas e meios alertarem com antecedência a exibição e presença desses conteúdos aos públicos sensíveis. Ver: Preconceitos; Sensacionalismo.

Grampo – Como é chamada a interceptação de comunicações telefônicas que é permitida apenas com autorização judicial, e geralmente feita pela polícia. Jornalistas investigam, mas não são policiais, e devem estar atentos aos limites que a lei impõe. Repórteres não podem grampear fontes, porém podem publicar conteúdos que resultaram dessa prática? Sim, podem. Mas é necessário atestar a autenticidade do material, confirmar as informações com outras fontes, observar se é justificável a invasão de privacidade e adotar cautelas jurídicas. O conteúdo a ser publicado precisa ser relevante socialmente e atender ao interesse público e não somente a curiosidade alheia. Ver: Danos; Gravação sem autorização; *Off-the-record*.

Gravação sem autorização – A conduta ideal do jornalista é ter o conhecimento das fontes de que está colhendo dados para a sua matéria, e ainda ter o consentimento para uso dessas informações. Entretanto, em alguns casos, informar sobre isso pode prejudicar a publicação de um conteúdo relevante e de alto interesse público. Gravar conversas sem a autorização do entrevistado é uma opção excepcional, e que não pode se converter em método frequente e cotidiano. Antes de adotar esse expediente, o repórter deve avaliar se há formas alternativas menos arriscadas, e deve se aconselhar com editores e outros profissionais mais experientes. Ver: Danos; Grampo; *Off-the-record*.

H

Honestidade – Narrar a história como ela aconteceu; descrever personagens e situações com exatidão e detalhamento; apresentar contextos, versões e perspectivas, com equilíbrio e de forma justa. O jornalismo poderia se resumir a isso, mas também poderia ser sintetizado como: contar a verdade, de forma honesta. Não é fácil agir com franqueza e honestidade, mas essas qualidades são essenciais para exercer o jornalismo com ética e comprometimento profissional. Requer coragem, rigor e disciplina. Ver: Equilíbrio; Qualidade; Responsabilidade.

I

Imparcialidade – O jornalismo é uma atividade feita por seres humanos, o que nos impede de ser totalmente imparciais ou isentos. Entretanto, os jornalistas devem evitar ser parciais em seus relatos. Ser parcial significa tomar partido de uma visão, pessoa ou versão. A parcialidade é ruim pois significa incompletude, e relatos incompletos impedem que o público tenha acesso aos diferentes lados de uma mesma situação. Combate-se a parcialidade com pluralidade, ouvindo-se fontes e testemunhos de perspectivas e posições distintas. Ver: Distanciamento; Equilíbrio; Responsabilidade; Zelo.

Injúria – Injuriar é ofender alguém na sua dignidade íntima e pessoal, provocando dano e sofrimento. Como a calúnia e a difamação, a injúria é um crime previsto nos códigos Civil e Penal. Jornalistas não devem atentar contra as reputações pessoais em seus relatos, produzindo seus textos e conteúdos com responsabilidade e sensibilidade. Ver: Calúnia; Difamação; Prejulgamento.

Interesse público – O jornalismo profissional se guia pelo interesse público, isto é, busca reportar temas que afetem a coletividade, que interfiram e impactem a maior parte da sociedade. Atender a interesses particulares pode fazer os jornalistas refêns de grupos específicos, afastando a missão de informar de sua principal função: servir ao público. Ver: Distanciamento; Equilíbrio; Qualidade; Responsabilidade; Zelo.

J

Jabá ou Jabaculé – Dinheiro, presente ou vantagem dada ao jornalista para que ele faça propaganda disfarçada de jornalismo sobre um produto ou serviço. É uma forma branda de corrupção, pois desvia os profissio-

nais da função de informar de maneira desinteressada. É uma prática daninha, pois impede o público de saber que se trata de publicidade e não jornalismo. Ver: Honestidade.

L

Liberdade de expressão – Prevista na Declaração Universal dos Direitos Humanos, é uma liberdade individual estendida a todas as pessoas. Também está protegida pela Constituição Federal do Brasil (1988). Permite que se opine, critique, julgue e manifeste pensamentos e ideias. É a base da autonomia e da autodeterminação dos sujeitos numa sociedade. Ver: Censura; Liberdade de imprensa.

Liberdade de imprensa – É um tipo semelhante à liberdade de expressão, mas restrita às organizações e profissionais da comunicação, e igualmente assegurado por lei. Se o jornalismo pode atuar como fiscalizador dos poderes, ele necessita de liberdade para ser exercido em nome da democracia e da cidadania. A liberdade de imprensa não é só uma salvaguarda corporativa, mas um alicerce do estado democrático de direito, conforme o Supremo Tribunal Federal já manifestou diversas vezes na história recente. Ver: Censura; Liberdade de expressão.

M

Manipulação – Artimanha para distorcer a informação, tirá-la do contexto, falseá-la ou corrompê-la para que atenda a outros propósitos que não o esclarecimento e o entendimento. É uma fraude que se comete em textos, imagens, áudios, vídeos e demais conteúdos para controlar ou modificar os sentidos e significados. Tem o intuito de causar confusão, ambiguidade, desorientação. Pode ser grosseira ou sofisticada, e está intimamente ligada com o que se vem chamando atualmente de ecossistema de desinformação. Ver: Checagem; Distorção; *Fake news*; Veracidade; Verdade; Verossimilhança.

N

Nomes fictícios – Em alguns casos, revelar a identidade das fontes pode colocá-las em risco real de agressão, perseguição e morte. Jornalistas podem recorrer a nomes fictícios em seus textos, mas essa escolha precisa estar clara para o leitor. Revelar que a decisão foi motivada para garantir a segurança da fonte também é importante. Ver: Segurança; Transparência.

O

Objetividade – Nem mesmo a Física acredita que se possa ser absolutamente objetivo. Há um século, pelo menos, já se considera que a perspectiva de quem olha determina o objeto enxergado. Por isso, não se pode acreditar num jornalismo que funcione como o espelho perfeito do mundo. Se o jornalismo tenta refletir a realidade, ele o faz com ligeiras distorções, provocando ilusões e opacidades. É um espelho posicionado num lugar, num dado tempo, capaz de capturar a paisagem de forma limitada àquela angulação. Então, a objetividade não existe no jornalismo? Sim, ela existe e pode ser perseguida no texto, nas imagens e na capacidade de representar algo. Ser objetivo no jornalismo pode significar ir direto ao que interessa; pode ser descrever com detalhamento, exatidão e proporcionalidade, buscando ser fiel ao que se observa. Não é uma tarefa fácil, mas é possível em alguma medida, e o sujeito-jornalista que se dedica a isso precisa estar consciente de seus limites nesse trabalho de narrar e reportar. Ver: Equilíbrio; Imparcialidade; Responsabilidade.

Off-the-record – A forma mais segura de publicar uma história é vinculando informações a fontes. Entretanto, por motivos pessoais ou temendo retaliações, algumas fontes optam por não se identificar e impõem essa condição aos jornalistas. Quando as declarações são dadas com o compromisso da não revelação da origem ou fonte, temos o que os jornalistas norte-americanos chamam de *off-the-record* (informação fora de registro). Repórteres podem aceitar ou não esse pacto com as fontes. O anonimato é aceitável se a informação tiver valor e atender ao interesse público, e se for possível verificar sua autenticidade com outras fontes ou documentos. O uso de fontes anônimas em uma matéria reduz a sua confiabilidade, mas pode ser a única forma de tornar público um fato. Deve-se usar com parcimônia. Ver: Grampo; Gravação sem autorização; Sigilo de fontes.

Opinião – Jornalistas também são importantes porque externam suas opiniões e contribuem para formar a compreensão e o imaginário de parcelas da sociedade. Influenciam, agendam o debate público e são determinantes na eleição de prioridades sociais. Porque têm essa capacidade de impactar coletivamente, os jornalistas devem redobrar seus cuidados quando expressam suas opiniões, agindo com responsabilidade, lucidez, temperança e zelo. Ver: Autonomia; Equilíbrio; Honestidade; Qualidade.

P

Plágio – Essa é uma prática antiética e ilegal. Consiste em se apropriar do trabalho alheio e assumir a autoria de algo do qual não se é o criador. O plágio não é só a cópia de uma matéria ou trecho – como o famoso “copia-e-cola” –, mas também o apagamento do autor original. É uma falsificação, uma fraude que é prevista como delito na legislação brasileira e internacional. Jornalistas não devem plagiar, não podem colaborar com essa prática e precisam denunciá-la sempre. Ver: Honestidade; Qualidade.

Prejulgamento – Jornalistas investigam, mas não são policiais. Avaliam situações e pessoas, mas não são juízes. Por isso, precisam agir dentro dos limites da sua profissão. O prejulgamento nem sempre ajuda a bem analisar contextos. Relatos que incitam o público a prejudicar também podem ser prejudiciais, pois são motivados por pressa e ideias preconcebidas. Pior, podem motivar perseguições, agressões e linchamentos. Para evitar essas armadilhas, o jornalista deve se lembrar de um direito de toda pessoa: a presunção de inocência, isto é, qualquer um é inocente até que se aponte e se prove um crime por ele cometido. Ver: Dano; Honestidade.

Preconceitos – O jornalismo não pode se prestar a ser veículo de opressões e injustiças. Os preconceitos servem para separar as sociedades, marginalizar populações e motivar ódios. Meios de comunicação devem estar atentos para não disseminar versões e valores que segregam. Ver: Discriminação.

Pressa – O dia a dia dos jornalistas é dinâmico e atribulado. A sociedade anseia por informações a todo o momento, o que cria uma exigência infinita pela produção de notícias. Os meios trabalham de forma acelerada para atender a essa demanda, mas os jornalistas não podem confundir agilidade com pressa. Precisam ser rápidos e velozes, mas manter o rigor na apuração, o cuidado com a edição e a atenção na difusão dos conteúdos. A pressa é movida pela afobação e o desleixo. Ver: Qualidade.

Q

Qualidade – No jornalismo, a qualidade de produtos e serviços é o resultado de padrões de excelência e o atendimento das expectativas do público. A indústria de notícias estabelece parâmetros técnicos que ajudam a definir qualidade ao mesmo tempo que busca satisfazer a demanda da audiência. Esses padrões e exigências mudam com o tempo e diferem

conforme a competitividade dos mercados. A qualidade evolui e ajuda a destacar profissionais e organizações dos demais, pois reflete sua capacidade de prestação confiável e contínua de um serviço. Ver: Autonomia; Responsabilidade; Transparência.

R

Responsabilidade – No jornalismo, atuar com responsabilidade é provar competência ao mesmo tempo que se demonstra zelo e atenção a normas éticas. Ver: Autonomia; Equilíbrio; Qualidade; Zelo.

S

Sensacionalismo – Técnica de comunicação que recorre aos instintos humanos mais primitivos e que mobiliza emoções, reações e reflexos. Apoiase em sexo, violência, medo, morbidez e gosto duvidoso. Com o objetivo de popularizar conteúdos, simplifica, distorce e exagera. Causa impacto e gera sensação, recorrendo a cores berrantes, imagens chocantes, adjetivação fácil e abundância de sinais de pontuação. Mensagens sensacionalistas são apelativas e recorrem ao estilo grotesco, ao escatológico e ao sentimentalismo. Ver: Gatilhos emocionais; Manipulação.

Sigilo das fontes – Preservar a identidade dos entrevistados é uma maneira de garantir sua segurança e de cultivar uma relação de confiança profissional. O sigilo das fontes é um direito dos jornalistas, previsto nos principais códigos de ética, e uma garantia expressa na lei brasileira. Ver: Grampo; Gravação sem autorização; *Off-the-record*.

T

Tratamento de imagem – A correção e edição de fotografias e vídeos são atividades necessárias para garantir a qualidade desses conteúdos e ressaltar elementos da linguagem visual. Quando os jornalistas optarem por melhoramentos ou modificações nesses materiais, é importante explicar ao público de forma visível e franca. Ver: Honestidade; Transparência.

Transparência – É uma disposição para apresentar os métodos de apuração, de revelar fontes e de mostrar as condições em que uma reportagem foi feita. Demonstra abertura, confiança e humildade, mas nem sempre é praticável. Há situações em que ser transparente é expor perigosamente uma fonte ou contar segredos que arrisquem a informação ou seu

mensageiro. Culturalmente, as organizações de mídia brasileiras são bastante avessas a gestos de transparência e de prestação de contas; já no norte da Europa, a indústria local se mostra mais aberta ao público. Ver: Conflito de interesses; Consentimento das fontes; Qualidade; Responsabilidade; Tratamento de imagem.

U

Ufanismo – Em contextos de ultrapolarização política, grupos radicais costumam pressionar o jornalismo para que ele adote posturas mais patrióticas. Geralmente, esse movimento vem acompanhado da confusão entre civismo e patriotismo, e entre nação e governo. Em certas situações, o jornalismo pode expressar seu apreço pelo país, sua cultura e tradição, mas o patriotismo não pode descambar para o ufanismo, que é a celebração cega e acrítica. Se o jornalismo se permite fazer isso, em alguma medida, renuncia ao seu papel de fiscalizar os poderes e perseguir o interesse da coletividade. Ver: Equilíbrio; Honestidade.

V

Veracidade – É a qualidade daquilo que é veraz, verdadeiro. Um relato jornalístico veraz é aquele que contém muitos elementos que correspondem a fatos ou à realidade observável. Jornalistas devem se empenhar para oferecer conteúdos verazes ao seu público. Ver: Checagem; Verdade; Verossimilhança.

Verdade – É o principal valor da profissão, já que o jornalismo se guia para divulgar relatos que estejam alicerçados em fatos ou acontecimentos. A verdade é um dos mais desafiadores conceitos da filosofia e do pensamento humano, e nem sempre é fácil determiná-la, ainda mais em situações contaminadas por opiniões, impressões ou julgamentos. No jornalismo, a verdade precisa estar atrelada a evidências, a ocorrências, registros e documentos. Pode também estar apoiada no testemunho e em declarações de pessoas. Jornalistas precisam recheiar seus relatos com esses elementos, de modo a transmitir ao público a sensação de que o narrador condiz com o acontecido. Ver: Veracidade; Verossimilhança.

Verossimilhança – É a qualidade daquilo que parece verdadeiro, mas não necessariamente o é. Uma notícia pode ser bem elaborada, ser bem redigida, mas não estar apoiada em fatos ou evidências comprováveis e

que reflitam acontecimentos reais. A verossimilhança é uma qualidade importante para um relato jornalístico, mas ela precisa estar acompanhada da veracidade para que a notícia esteja eticamente comprometida com a verdade. Ver: Veracidade; Verdade.

X

Xenofobia – Jornalistas devem ficar atentos para que seus relatos não contribuam para a segregação, a discriminação e a xenofobia. O noticiário pode colaborar tanto para inflamar povos e etnias quanto para distensionar conflitos. Uma comunicação para a paz visa disseminar a tolerância, o respeito, a reciprocidade e a busca coletiva por soluções desarmadas. Fazer o registro da história recente com rigor factual, apresentando contextos e permitindo pluralidade de vozes são formas de combater a xenofobia. Ver: Discriminação; Preconceitos; Prejulgamento.

Z

Zelo – O cuidado técnico, o apuro estético e a responsabilidade ética tornam o jornalismo uma atividade estratégica para o mundo atual. Atuar com esmero, sensibilidade e zelo fortalecem o jornalismo como instrumento de denúncia das injustiças sociais, de combate à opressão e de reivindicação de condições mais dignas de vida. Ver: Qualidade; Responsabilidade.